

Soldado da Memória: O Pós-Guerra do Pe. Francisco Eloi de Oliveira, Ex-Capelão da FEB

Memory Soldier: The Post-War of Fr. Francisco Eloi de Oliveira, Ex-Chaplain of the FEB

Soldado de la Memoria: El Posguerra del P. Francisco Eloi de Oliveira, Ex-Capellán de la FEB

Ana Amélia Gimenez Dias¹

Resumo: Este artigo analisa a trajetória do Padre Francisco Eloi de Oliveira, ex-capelão da Força Expedicionária Brasileira (FEB), com ênfase em seu papel como "agente de memória" no período pós-Segunda Guerra Mundial na cidade de São Tiago, Minas Gerais. A pesquisa examina as festividades organizadas pelo padre durante as décadas de 1980 e 1990, destacando sua liderança na construção de marcos como o Santuário Deus e Pátria, que combinam elementos religiosos e patrióticos. Além de ressaltar a preservação da memória da FEB, o estudo explora como a religiosidade e o patriotismo se fundem nas ações do padre, promovendo uma narrativa distinta de celebração cívica e espiritual da participação brasileira na guerra.

Palavras-chave: força expedicionária brasileira; memória; Padre Francisco Eloi de Oliveira; segunda guerra mundial; religiosidade.

Abstract: This article examines the trajectory of Father Francisco Eloi de Oliveira, former chaplain of the Brazilian Expeditionary Force (FEB), with a focus on his role as a "memory agent" in the post-World War II period in São Tiago, Minas Gerais. The research investigates the festivities organized by the priest during the 1980s and 1990s, emphasizing his leadership in the construction of landmarks such as the "Deus e Pátria" Sanctuary, which merges religious and patriotic elements. In addition to highlighting the preservation of FEB's memory, the study explores how religiosity and patriotism intertwine in Father Francisco's actions, promoting a distinctive narrative that celebrates both the civic and spiritual aspects of Brazil's participation in the war.

Keywords: brazilian expeditionary force; Father Francisco Eloi de Oliveira; memory; world war II; religiosity.

Introdução

Em 2024, celebram-se 80 anos do ressurgimento do Serviço de Assistência Religiosa (SAR) do Exército e da chegada dos primeiros contingentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao Teatro de Operações Italiano, durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Francisco César Alves Ferraz (2015, p. 6), o envolvimento do Brasil nesse conflito global se destaca como um dos temas mais crescentes na historiografia brasileira. Nesse sentido, inúmeros historiadores têm se dedicado a estudar a construção da memória relacionada à FEB no período pós-guerra.

Esses estudos frequentemente se concentram em aspectos como a formação de associações de ex-combatentes e a institucionalização de monumentos relacionados à FEB, refletindo sobre tensão entre esses elementos e a memória coletiva relacionada à campanha brasileira na Itália. Pesquisadores como Francisco Ferraz (2012), Sirlei de Fátima Nass (2005) e Patrícia da Silva Ribeiro (2013) contribuíram significativamente para esse campo ao investigar a reintegração social e profissional dos ex-combatentes no Brasil após o fim da guerra. As análises realizadas por esses autores evidenciam uma compreensão mais ampla da participação brasileira no conflito, ao explorarem não apenas questões bélicas, mas também os impactos culturais e sociais decorrentes do maior conflito do século XX.

Neste contexto, a análise proposta foca na construção da memória não apenas da FEB, mas também de seu Serviço de Assistência Religiosa (SAR) em São Tiago-MG, destacando a trajetória do ex-capelão Pe. Francisco Eloi de Oliveira. Sua atuação como agente de memória se destaca pela singularidade de unir dois aspectos fundamentais: a experiência militar e patriótica da FEB e o caráter religioso que ele incorporou à preservação dessa memória. Diferentemente de outros esforços, que enfatizam os feitos militares, Francisco Eloi conferiu uma dimensão sagrada à memória relacionada à FEB, integrando a missão religiosa ao patriotismo. Essa abordagem única o coloca em uma posição de destaque no processo de construção memorial da FEB.

Dessa forma, esta investigação não apenas dialoga com as pesquisas existentes sobre os ex-combatentes como "agentes de memória", mas também questiona e amplia o entendimento sobre a influência de um líder religioso nesse contexto.

Pe. Francisco Eloi: Religiosidade e Assistência Espiritual na FEB

Nascido em 19 de novembro de 1915, no distrito de São Tiago, Minas Gerais, Pe. Francisco Eloi de Oliveira foi, e ainda é uma figura proeminente e emblemática em sua pequena cidade natal. Filho de José Pedro de Oliveira e Júlia Alves de Sena, sua trajetória rumo à capelania militar começou com seus primeiros passos em direção ao ministério sacerdotal. Em biografias e autobiografias de sacerdotes, é comum observar uma ênfase em um “chamado” ao sacerdócio, frequentemente descrito com termos como “chamado vocacional”. Esta tendência é bem ilustrada pelo famoso pastor e pregador estadunidense Peter Marshall. Em seu sermão intitulado *The Tap on the Shoulder*, Marshall questiona com que direito um homem se coloca, diante dos seus semelhantes, e reivindica a atenção destes, com a bíblia em mãos. Logo em seguida, o pastor completa:

Não porque ele é melhor do que eles, não porque frequentou um seminário teológico e estudou hebraico, grego e teologia. Mas principalmente porque ele está obedecendo a um “toque no ombro”. [...] Deus tirou Moisés do pastoreio das ovelhas, Ele tirou Amós dos rebanhos de Tekoa, Ele chamou Pedro, Tiago e João dos barcos de pesca e suas redes. O verdadeiro ministro está em seu púlpito não porque escolheu essa profissão como um meio de subsistência fácil, mas porque não pôde evitar, porque obedeceu a uma convocação imperiosa que não será negada (Marshall *apud* Dorsett, 2012, p. 7, tradução nossa)²

Lyle Dorsett (2012), em *Serving God and Country: United States Military Chaplains in World War II*, examina a experiência espiritual de líderes religiosos, e destaca que *o tap on the shoulder* é um tema recorrente. Segundo o autor, este conceito é descrito como uma sensação interna e sutil, muitas vezes interpretada como um chamado divino para o serviço religioso. Embora

essa experiência seja frequentemente relatada por capelães e outros líderes espirituais, é importante destacar que o *tap on the shoulder* está diretamente relacionado às experiências subjetivas desses próprios sujeitos

No caso de Francisco Eloi, sua biografia apresenta elementos que ressoam com essa narrativa. De acordo Marcus Santiago (2013), biógrafo do ex capelão, em primeiro de fevereiro de 1931, Francisco adentrou os portões do Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, em Belo Horizonte, onde mergulhou em uma educação que abarcava disciplinas como Latim, Religião e Português no seminário menor, e Filosofia e Teologia no seminário maior. Essa formação acadêmica e espiritual serviu como alicerce para sua futura missão como capelão militar. Todavia, a menção ao dito “chamado” pode ser notada em seu pedido de Ordenação Sacerdotal. Em 1940, Francisco expressa: “sinto realmente ser chamado por Deus” (Santiago, 2013, p. 27). Nesta mesma carta, Francisco Eloi ainda menciona:

Finalmente prometo, com toda a sinceridade, obedecer sempre, com ânimo totalmente submisso, consoante as normas dos sagrados cânones, a tudo quanto me for ordenado pelos superiores e de mim exigir a disciplina da Igreja, disposto a dar exemplos de virtude, já por palavras, já por obras, e de tal modo que mereça a recompensa de Deus por tão grande ministério (Santiago, 2013, p. 27).

E assim, o futuro capelão da FEB se preparava para dar o seu “sim” definitivo para o sacerdócio. A ordenação sacerdotal de Francisco Eloi ocorreu em 20 de outubro de 1940, na capital mineira. Uma semana depois, ele retornou à sua cidade natal para celebrar uma cerimônia eucarística solene. Nos estágios iniciais de sua jornada clerical, descreve Marcus Santiago (2013), antes de assumir o papel de capelão, Padre Francisco Eloi foi encarregado da Paróquia de Santo Antônio, em Rio Acima, onde cumpria seus deveres sacerdotais, antes de ser transferido e nomeado pároco da Paróquia Nossa Senhora da Glória, de Passa Tempo.

Em 1944, enquanto dedicava seus dias ao ministério, Padre Francisco Eloi viu-se diretamente impactado pelos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial no Brasil. O Serviço de Assistência Religiosa foi recriado para acompanhar a FEB em sua campanha na Itália. A esse respeito, é importante destacar que, antes da Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro não dispunha de uma estrutura formal para a assistência religiosa. Desde a Proclamação da República, o Corpo Eclesiástico do Exército havia sido extinto das Forças Armadas, e, portanto, não existiam regulamentos ou patentes específicas para capelães na organização militar. Foi o Decreto-Lei nº 6.535, de 26 de maio de 1944 que formalizou a recriação desse serviço e estabeleceu as atribuições do SAREx (Serviço de Assistência Religiosa do Exército), que incluíam: prestar assistência religiosa às tropas no exterior sem constrangimento ou coação; auxiliar na instrução de Educação Moral e Cívica nos Corpos de Tropa e Formação de Serviços; e desempenhar, em cooperação com os escalões de comando, as responsabilidades relacionadas à assistência religiosa, moral, e ao socorro espiritual e corporal dos soldados em qualquer situação.

Foi nesse contexto, marcado pela restituição tardia do serviço de assistência religiosa – considerando que este foi restabelecido em maio de 1944 e o primeiro escalão da FEB partiu para o teatro de operações italiano em julho do mesmo ano – que o jovem sacerdote Francisco Eloi, aos 29 anos, foi indicado como candidato a capelão do SAR da FEB. A nomeação, feita por Dom Cabral, Arcebispo de Belo Horizonte, trouxe um grande peso para o Padre Francisco Eloi, que, de acordo com Marcus Santiago (2013, p. 40), "sentiu-se sem forças para o desempenho da missão". Em um relato registrado na obra *De São João Del Rei ao Vale do Pó*, de Gentil Palhares (1957, p. 40), Francisco Eloi desabafa: "Foi chocante para mim o telegrama de meu arcebispo anunciando-me sua deliberação, não por temor à guerra, mas devido às muitas responsabilidades envolvidas". Além de Pe. Francisco Eloi, outros sacerdotes foram nomeados por bispos e arcebispos, enquanto alguns enviaram cartas e telegramas a autoridades do Exército, incluindo ao então ministro da guerra, Eurico Gaspar Dutra, manifestando seu fervoroso desejo de servir na capelania. No entanto, nem todos os voluntários receberam uma resposta positiva.

Apesar de sua hesitação inicial, Padre Francisco Eloi aceitou o posto de capelão militar da FEB. Sua nomeação ocorreu em São João Del Rei, cidade histórica e importante centro da FEB, devido à presença do 11º Regimento de Infantaria (11º R.I.). Ali, Pe. Francisco Eloi conheceu os outros dois capelões subordinados ao mesmo regimento, Frei Orlando e Frei Alfredo, que, ao seu lado, serviriam à FEB, assumindo a missão de levar apoio espiritual e moral às tropas em meio aos desafios da guerra.

Para a análise da vivência de Francisco Eloi enquanto capelão militar, foram examinados documentos presentes no acervo do Arquivo Histórico do Exército (AHEX), no Rio de Janeiro, Brasil. Estes incluíram o relatório do Tenente-Coronel Capelão Chefe João Pheeney da Silva, datado de março de 1945, arquivado na Pasta nº 63 intitulada “1ª D.I.E. Quartel General”. Também foram considerados documentos do Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE, como a Ficha de Capelões Militares. Além disso, a pasta intitulada "Serviço de Assistência Religiosa: Documentos Recebidos 1944-1945b" foi consultada, contendo registros diversos relacionados ao serviço religioso durante o período, abrangendo desde pelotões de sepultamento até serviços de saúde e comunicações ministeriais. Esses documentos ofereceram uma visão abrangente da atuação e do contexto em que o Pe. Francisco Eloi desempenhou seu papel como capelão militar durante a Segunda Guerra Mundial.

Isso posto, após o processo de seleção, 27 capelões foram nomeados para compor o SAR da FEB sendo estes, 25 sacerdotes católicos, e 2 pastores evangélicos. Nesse panorama, foi na cidade do Rio de Janeiro que estes capelões tiveram seu primeiro encontro. Neste local, além de se reunirem com seus colegas de missão, eles estabeleceram contato com os soldados brasileiros que estavam em treinamento para o combate. A missão dos capelões nos campos de batalha, assim como a das tropas, seria desafiadora e única, contrastando com qualquer experiência anterior desses padres e pastores.

Para enfrentar os desafios impostos pela guerra, não bastava apenas boa disposição física; era igualmente crucial uma sólida formação acadêmica e espiritual para os capelões nomeados a servir na FEB. A análise das fichas

desses capelães revela que muitos possuíam diplomas em áreas como Teologia, Filosofia, Letras e História. Esse preparo acadêmico e espiritual era vital, pois a formação sacerdotal seria essencial para o desempenho de suas funções assistenciais no campo de batalha. No âmbito religioso, esses capelães eram, sem dúvida, qualificados para o serviço. No entanto, do ponto de vista técnico e militar, os sacerdotes e pastores passaram por um treinamento focado principalmente no preparo físico e na familiarização com o terreno e suas ocupações.

Os dados das fichas dos capelães da FEB, embora por vezes incompletos, foram cruzados com informações contidas em relatórios de atuação, telegramas enviados e outros documentos produzidos pelos próprios capelães. Esse cruzamento revela que o Padre Francisco Eloi, após 78 dias de treinamento no Morro do Capistrano (06/07/1944-22/09/1944), embarcou para a Itália a partir do Rio de Janeiro. Contudo, essa duração de treinamento, quando comparada à de seus colegas, expõe uma disparidade nas condições de preparação dos capelães da FEB. Enquanto alguns tiveram meses para se preparar para sua nova missão, outros receberam apenas alguns dias de treinamento. Um exemplo é o capelão Pe. Noé Pereira, que contou com apenas 10 dias de treinamento (22/06/1944 - 01/07/1944).

Rogério de Carvalho e Lima (2021) destaca os desafios enfrentados no treinamento técnico-militar dos capelães da FEB, ressaltando a ausência de um planejamento didático-pedagógico específico para a formação do capelão militar. Esse cenário reflete as dificuldades do Exército Brasileiro na época, que precisava se adaptar rapidamente às exigências da guerra em termos de planejamento e organização. A insuficiência de tempo dedicado ao treinamento adequado dos capelães, somada à inexperiência em operar em um ambiente de combate, tornou o trabalho desses religiosos ainda mais árduo e complexo.

A análise dos relatórios de atividades dos capelães da FEB durante a Segunda Guerra Mundial oferece um panorama detalhado do cotidiano desses sacerdotes e pastores, revelando a amplitude de suas ações. Esses documentos não apenas registram o número de missas celebradas, confissões ouvidas e comunhões

distribuídas, mas também destacam o papel multifacetado dos capelães. Além de suas funções religiosas, eles auxiliaram os soldados da FEB na redação de cartas para suas famílias, demonstrando um compromisso com o bem-estar emocional dos combatentes. Rogério de Carvalho e Lima (2021) explica que os capelães também colaboraram com o Serviço Especial de Diversões, uma prática alinhada aos capelães do IV Corpo de Exército Americano. Frequentemente presentes em hospitais de campanha e enfermarias nos acampamentos das unidades na Itália, os capelães desempenhavam um papel vital no apoio espiritual e emocional das tropas.

Em um desses relatórios, Pe. Francisco Eloi, Frei Orlando e Frei Alfredo detalham os serviços religiosos prestados durante a travessia do Atlântico. Esse relatório marca o início de uma série de relatórios mensais enviados pelos capelães do 11º R.I. de São João del Rei ao seu capelão-chefe, Pe. João Pheeney da Silva. Para compreender o papel dos capelães militares da FEB durante a Segunda Guerra Mundial, a análise desses relatórios ao longo de toda a campanha em solo europeu é essencial. Os documentos assinados pelo Pe. Francisco Eloi de Oliveira, quando comparados com os de seus colegas, demonstram uma regularidade nas celebrações religiosas, incluindo missas, distribuição de comunhões e atendimento de confissões. Além disso, as menções frequentes à escrita de cartas para as famílias dos soldados revelam uma aproximação significativa entre os capelães e os combatentes. Aqueles que não podiam ou não sabiam redigir correspondências confiavam essa tarefa aos seus capelães, fortalecendo ainda mais o vínculo entre eles.

Um dos dados mais reveladores desses relatórios dos capelães diz respeito aos momentos caracterizados por uma crescente demanda por atividades religiosas. A comparação entre os relatórios de outubro e novembro de 1944 dos capelães do 11º R.I. evidencia um aumento significativo nas atividades religiosas à medida que os soldados da FEB se aproximavam de seu batismo de fogo. Esse aumento de atividades espirituais, especialmente em momentos que antecediam batalhas, reflete o impacto do medo e da iminência da morte na vida dos combatentes. Essa tendência é uma característica comum em toda a documentação dos capelães da FEB durante a campanha na Itália.

Esse fenômeno pode ser interpretado como uma intensificação da busca espiritual dos soldados brasileiros, que, diante da proximidade dos combates, sentiam a necessidade de se reconectar com a fé. Lyle W. Dorsett (2012) também observou um padrão semelhante nos relatórios de Gordon Cosby, um capelão evangélico estadunidense, que registrou um aumento na frequência dos cultos de adoração e estudos bíblicos, bem como no número de soldados que buscavam aconselhamento espiritual, especialmente quando uma invasão era iminente. Dorsett (2012, p. 57) menciona que, nesses períodos, "os homens decidiam se acertar com Deus."

Além disso, as constantes referências à distribuição de primeiras comunhões durante os meses de campanha sugerem que muitos soldados optaram por realizar o sacramento durante sua atuação enquanto combatentes, um indicativo de sua adesão a devoções religiosas em face do risco de morte. A esse respeito, Adriane Piovezan (2014, p. 59) destaca, "a proximidade ou iminência da morte tem, por si só, o efeito de levar os indivíduos a reforçarem – ou criarem – laços mais estreitos e intensos com o além e a vida religiosa, dada a alta probabilidade de virem a serem mortos ou feridos." Nesse contexto, é evidente que o medo e a sombra da morte, que permeavam os acampamentos brasileiros, influenciavam diretamente o cotidiano religioso das tropas, um fenômeno também observado em exércitos de outras nações.

Por fim, no tocante ao cotidiano desses capelões durante os meses de batalha, é crucial ressaltar que eles compartilhavam das mesmas experiências das tropas: viajavam, marchavam, comiam e dormiam junto aos soldados, oferecendo serviços religiosos sempre que as circunstâncias permitiam. Durante os meses de combate dos soldados brasileiros nos campos de batalha do teatro de operações italiano, o SAR procurou acompanhar, dentro do possível, as tropas da FEB.

Composta por mais de 25 mil homens (Moraes, 1947), a FEB contava com a assistência de apenas 27 capelões, que enfrentaram diversos desafios em seu trabalho. A falta de um veículo próprio afetava diretamente sua mobilidade entre as diferentes unidades e frentes de batalha. Entre esses capelões, Frei

Orlando foi o único a perder a vida durante a Segunda Guerra Mundial. Ele faleceu em 20 de fevereiro de 1945, vítima de um acidente enquanto se dirigia ao Monte Castelo para oferecer seus serviços aos combatentes que atuavam na batalha pela conquista do monte (Palhares, 1969). Pouco tempo depois, em 2 de maio de 1945, o comando do V Exército norte-americano anunciou o fim da campanha na Itália. Com a morte de Benito Mussolini e Adolf Hitler e a retirada dos principais líderes alemães, o 14º Exército Alemão se rendeu, encerrando os combates: “Toda a tropa da Divisão Brasileira recebeu a comunicação com alegria, sem cometer excessos, passando a pensar em termos de regresso ao Brasil” (Brayner, 1968, p. 506)

Associações de ex-combatentes e a preservação da memória da FEB

Após as grandiosas celebrações que saudaram o retorno triunfante dos combatentes brasileiros à sua terra natal, muitos veteranos da FEB finalmente encontraram o caminho de volta aos seus lares. No entanto, por trás da euforia dessas festividades, escondia-se uma realidade profundamente dolorosa: nem todos os soldados enviados ao front europeu retornaram. Jovens de pequenas vilas ou de movimentadas cidades brasileiras partiram em direção ao desconhecido, respondendo ao chamado da guerra, mas muitos jamais puderam concluir essa jornada com o reencontro de suas famílias. Além da ausência sentida com intensidade em lares e comunidades espalhadas pelo Brasil, o retorno dos que sobreviveram aos horrores da maior guerra do século XX trouxe à tona um desafio diferente. A volta dos veteranos expôs o despreparo da sociedade para recebê-los e lidar com suas experiências

A desmobilização da FEB, assim como de seu SAR, ocorrida em 1945, é um exemplo claro desse despreparo. Em sua obra *A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*, Francisco Ferraz oferece uma análise meticulosa desse processo, destacando os inúmeros desafios enfrentados pelos ex-combatentes da FEB em sua tentativa de reintegração social e profissional. Ferraz argumenta que esse processo foi politicamente moldado pelo Ministério da Guerra, com o intuito de "arrefecer os ânimos daqueles que imaginavam os expedicionários recém-chegados como

aliados no questionamento, por um lado, do Estado Novo e, por outro, do pacto conservador das elites políticas brasileiras no pós-guerra" (Ferraz, 2012, p. 209). Essa estratégia visava neutralizar qualquer potencial de subversão política que os veteranos, com suas experiências de guerra e visões transformadas, pudesse representar ao retornar ao cenário nacional.

Apesar de terem sido recebidos com desfiles encharcados de euforia e honrarias pelas ruas do Rio de Janeiro, essas tensões no sistema político e militar repercutiram, consequentemente, na vida dos expedicionários que, sob a nomenclatura de ex-combatentes, encontravam-se novamente em seu país de origem. Nesse sentido, os ex-integrantes da FEB que eram militares regulares lidavam com discriminações e reservas por parte dos colegas de farda que permaneceram no Brasil. Isso se deve ao fato de que, ao retornarem, esses militares expedicionários voltaram com folhas de serviço e posições hierárquicas superiores às que tinham anteriormente. Esse contextogerou não apenas uma sensação de descontentamento, mas também um receio entre os demais militares quanto à possibilidade de serem superados nos processos de promoção e nas nomeações para postos superiores. Ademais, os ex-combatentes de origem civil eram considerados como um perigo potencial, sendo mantidos, portanto, distantes de qualquer indício de mobilização com fins políticos. É nesse contexto que os ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial foram submetidos a um esquecimento progressivo, simbólico e concreto após a dissipação da euforia inicial de sua chegada (Ferraz, 2012).

É nesse contexto que a solução encontrada pelos ex-combatentes para enfrentar esses problemas, especialmente o esquecimento, os transformou em verdadeiros agentes de memória, no sentido mais amplo do termo, ou seja, cidadãos que "desempenham os esforços de rememoração e valorização permanente de suas ações do passado não apenas com os objetivos de comemoração dos feitos, mas como condição de sobrevivência concreta e identidade social" (Ferraz, 2012, p. 210). As associações de ex-combatentes emergiram, então, como os principais bastiões de seus esforços em preservar e estimular a memória social. Ferraz (2012) explica que essas associações, inspiradas por organizações similares em países como França, Alemanha, Estados Unidos, Austrália e Inglaterra, tinham

como principal objetivo promover a integração social dos veteranos, representar seus interesses coletivos perante as autoridades e lutar pela valorização da paz nas relações sociais tanto nacionais quanto internacionais.

Rodrigo Musto Flores (2020) ressalta que, ao atuarem como agentes de memória, através de suas associações, os ex-combatentes construíram narrativas que atribuíam sentidos e significados específicos às suas experiências, moldando as rotinas comemorativas dessas agremiações. O conceito de memória coletiva, como analisado por Maurice Halbwachs (2003), é fundamental para compreender essa dinâmica. Halbwachs destaca que a memória coletiva é uma construção social, um fenômeno que, longe de ser estático, é constantemente moldado pelas heranças históricas que orientam a reflexão sobre o tempo presente. Essas heranças incluem símbolos, datas comemorativas e monumentos que solidificam a memória, conferindo-lhe uma continuidade essencial e uma legitimidade que transcende o tempo. Em consonância com Tzvetan Todorov (1995), a construção da memória coletiva envolve uma cuidadosa seleção de informações, onde certos aspectos são preservados enquanto outros são intencionalmente esquecidos, um processo semelhante à técnica artística do chiaroscuro, onde a alternância entre luz e sombra define a percepção final.

Nesse contexto, as associações de ex-combatentes, com todas as suas características mencionadas, desempenharam um papel crucial na criação de um espaço para as narrativas de memória sobre a atuação da FEB na Segunda Guerra Mundial (Flores, 2020). Segundo Lowenthal (1998), a mobilização dessas memórias é uma das maneiras mais eficazes de preservar uma identidade coletiva duradoura. Portanto, neste cenário era fundamental construir uma narrativa de memória que não apenas refletisse os desejos das associações, mas também ressoasse com seu público.

Nesse sentido, essas associações de ex-combatentes podem ser entendidas como verdadeiros “lugares de memória”, conforme descrito por Pierre Nora (1993). Elas surgem precisamente da tensão entre memória e esquecimento, funcionando como espaços onde a história é preservada e revitalizada. Essas associações desempenham um papel crucial ao criar e manter um ambiente

onde as narrativas sobre a atuação da FEB na Segunda Guerra Mundial sãoativamente cultivadas e adaptadas às necessidades e expectativas do contexto pós-guerra. Assim, elas não apenas asseguram que as memórias dos ex-combatentes não sejam apagadas com o tempo, mas também ajudam a moldar e a perpetuar essas memórias de forma a refletir as experiências das tropas brasileiras.

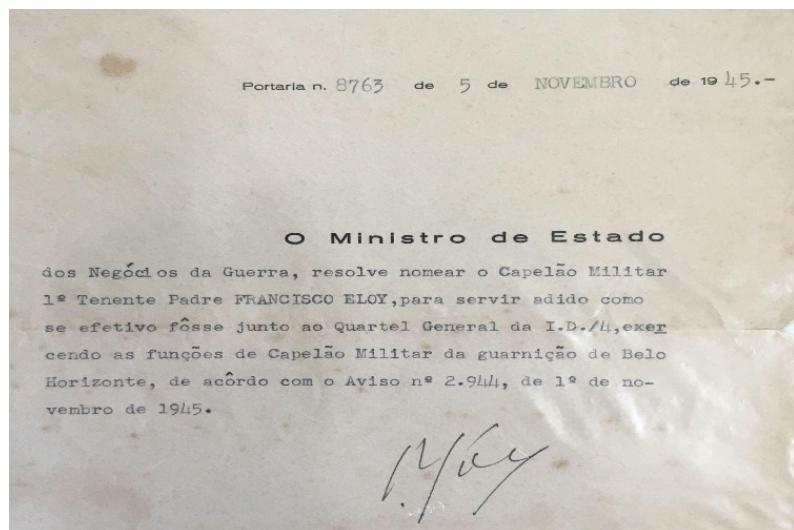
A análise da construção identitária e do papel dos ex-combatentes como agentes de memória levanta questões sobre casos singulares, como o do Pe. Francisco Eloi. Sua atuação, nos campos de batalha da memória, ia além das associações de ex-combatentes, e revela algumas particularidades da construção da memória relacionada à FEB na cidade de São Tiago - MG .

A Memória da FEB em São Tiago: O legado do ex-capelão Pe. Francisco Eloi

Na análise da trajetória pós-Segunda Guerra Mundial do ex-capelão da FEB, foi realizado um exame de uma ampla gama de documentos e fotografias presentes no Memorial Santiaguense, na cidade de São Tiago – MG, Brasil. Este memorial, vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, tem como patrono o próprio Padre Francisco Eloi de Oliveira. Além do acervo documental e fotográfico relacionado ao ex-capelão, o referido memorial também abriga uma exposição de diversos objetos que estiveram em sua posse, tais como batinas, livros, terços e medalhas.

Considerando o fim da campanha brasileira na Itália, o retorno vitorioso da FEB ao Brasil, seus capelões também retornavam às suas vidas em solo brasileiro. Nesse sentido, Pe. Francisco Eloi optou por prosseguir com sua atuação como capelão após seu retorno ao Brasil, servindo em uma guarnição do 10º Regimento de Infantaria, em Belo Horizonte.

Figura 1 - A nomeação de Pe. Francisco Eloi de Oliveira



Fonte: Memorial Santiaguense.

Conforme evidenciado no documento datado de 5 de novembro de 1945, Pe. Francisco Eloi foi designado capelão mesmo após a extinção oficial do SAR, com a desmobilização da FEB. Seu serviço nesta função se estendeu de novembro de 1945 a setembro de 1947. Ao analisar a atuação do ex-capelão da FEB, Padre Francisco Eloi, no período pós-guerra, à luz das considerações de Francisco Ferraz (2012) sobre o papel dos ex-combatentes brasileiros como agentes de memória, surgem importantes interseções. Ferraz destaca que os ex-combatentes, por meio de suas associações, não apenas preservavam as memórias da guerra, mas também valorizavam a dignidade expedicionária através de ações públicas de memória. Nesse contexto, a trajetória de Pe. Francisco Eloi ilustra como ele desempenhou funções que iam além de sua missão religiosa, atuando também como um curador da memória da FEB e de seus companheiros.

Em um de seus relatórios de atuação, Pe. Francisco Eloi detalha atividades realizadas na guarnição de Belo Horizonte que se assemelham àquelas desempenhadas durante a guerra, como celebração de missas, visitas a hospitais e assistência espiritual a militares e suas famílias. Todavia, para além destes detalhes mais corriqueiros do exercício de seu oficialato, é possível encontrar ações que se relacionam diretamente à preservação e valorização da dignidade expedicionária, como fica perceptível no trecho a seguir:

Se transferido do Regimento de São João Del Rei, custou-lhe bastante a separação daqueles que com ele lutaram com sacrifício mesmo de vida, em defesa da Pátria [...] hoje vê na Guarnição de Belo Horizonte, o prolongamento daquela Unidade onde escreveu uma das mais gloriosas páginas de sua vida de sacerdote brasileiro (Oliveira, 1946).³

A partir desse relato, percebe-se a profunda valorização do sacrifício daqueles que, nas palavras do capelão, lutaram e tombaram em defesa da pátria. Além disso, Pe. Francisco define os meses em que atuou como capelão da FEB como as páginas mais gloriosas de sua vida. Mesmo com a extinção oficial da FEB e do SAR, o capelão reflete sobre sua atuação em Belo Horizonte, em tempos de paz, como uma extensão de sua missão junto ao 11º R.I., com o qual serviu nos campos da Segunda Guerra Mundial, ao lado de Frei Alfredo e do falecido capelão Frei Orlando. A difícil separação entre o capelão e os soldados que ele acompanhou durante a guerra está diretamente ligada às atividades de agência de memória. A importância da retomada das relações de amizade e fraternidade cultivadas ao longo dos meses de campanha funcionou como um eixo central na construção da memória entre os expedicionários.

Nesse contexto, é essencial considerar a natureza das relações entre os capelões da FEB e os combatentes sob sua responsabilidade. A análise dos relatos de oficiais e praças revela que, embora alguns reconhecessem as dificuldades inerentes à prestação de serviços religiosos — especialmente considerando o treinamento inadequado dos capelões e a falta de infraestrutura, como a ausência de um jipe em um cenário de constante movimentação das tropas —, não foram feitas críticas diretas ao trabalho desses sacerdotes. Pelo contrário, os capelões da FEB receberam elogios frequentes por parte dos ex-combatentes. Isso evidencia a relevância e a apreciação do serviço religioso no contexto da guerra, contrariando qualquer percepção de irrelevância dessa atuação.

Nesse contexto, as conclusões de Adriane Piovezan (2014) são particularmente reveladoras para compreender essa dinâmica. A autora, ao examinar a historiografia internacional, destaca que, durante a Segunda Guerra Mundial, a figura do capelão se aproximou significativamente dos soldados,

especialmente em comparação com a Primeira Guerra Mundial. Piovezan caracteriza essa proximidade como uma "religião emergencial das trincheiras", uma espiritualidade imediata e de apoio direto aos combatentes. No caso do capelão Francisco Eloi, essa proximidade é evidenciada nas suas próprias palavras, que revelam um forte desejo de enfatizar as relações de fraternidade e camaradagem desenvolvidas entre os expedicionários durante os meses em que atuaram juntos no teatro de operações italiano.

Além disso, outros aspectos merecem destaque nos relatórios de padre Francisco Eloi. Quando designado ao 10º Regimento de Infantaria de Belo Horizonte, o ex-capelão da FEB fundou a Congregação Mariana Regimental, sob o título de Nossa Senhora das Graças e de Frei Orlando. Este último, por meio do Decreto-Lei nº 8.921 de 1946, foi instituído como Patrono do recém-criado SAREx. A esse respeito, é válido pontuar que Orlando é o único integrante da FEB que foi designado como patrono de uma arma ou serviço do Exército, o que sublinha a significativa dimensão e a relevância que o serviço de capelania adquiriu durante a campanha na Itália. Tal iniciativa posiciona Pe. Francisco Eloi no centro do processo de construção e preservação da memória coletiva da FEB e de seu SAR no contexto das guarnições militares no pós-guerra. A ação de Pe. Francisco Eloi ao preservar a memória de Frei Orlando em Belo Horizonte transcende a mera veneração pessoal. Essas iniciativas não apenas celebram a figura de Frei Orlando, mas também representam um esforço consciente para institucionalizar e manter vivos os valores espirituais cultivados pelos expedicionários brasileiros durante a guerra.

Isso posto, no ano de 1947, Pe. Francisco Eloi solicitou sua exoneração do cargo de Capitão-Capelão do 10º R. I. retornando à vida paroquial em sua terra natal. No entanto, ao voltar para casa, ele se deparou com uma população que, embora o recebesse calorosamente, não compartilhava das mesmas vivências que marcaram sua atuação durante a guerra. Esse distanciamento pode ser explicado pelo fato de que, embora o recrutamento da FEB tenha sido de âmbito nacional, seu contingente representava apenas cerca de 0,06% da população total do Brasil em 1945, um número relativamente pequeno frente ao país como um todo.

Vale destacar que, quando Pe. Francisco Eloi pediu exoneração do Exército, em 1947, os ex-combatentes já estavam se organizando em associações em seu processo de reintegração social e profissional. A primeira dessas associações foi fundada em abril de 1945 no Rio de Janeiro, com outras surgindo em diversas regiões do Brasil. Embora Pe. Francisco Eloi não tenha enfrentado dificuldades aparentes em sua reintegração profissional, graças à continuidade de seu trabalho como capelão em Belo Horizonte, antes de reassumir sua função como pároco em sua cidade natal, sua experiência no *front* teve um impacto profundo em sua vida.

Embora não seja possível medir com precisão o peso psicológico de suas vivências no campo de batalha, é evidente que a experiência de Pe. Francisco Eloi como capelão na Itália influenciou profundamente sua atuação posterior como pároco em Minas Gerais. Algumas de suas ações destacam essa influência, especialmente seus esforços para rememorar e valorizar a campanha da FEB na Itália, que se intensificaram predominantemente nas décadas de 1980 e 1990. Nesse contexto, é pertinente questionar: qual era a situação dos ex-combatentes da FEB durante essas décadas, quando o capelão consolidava sua atuação na preservação da memória?

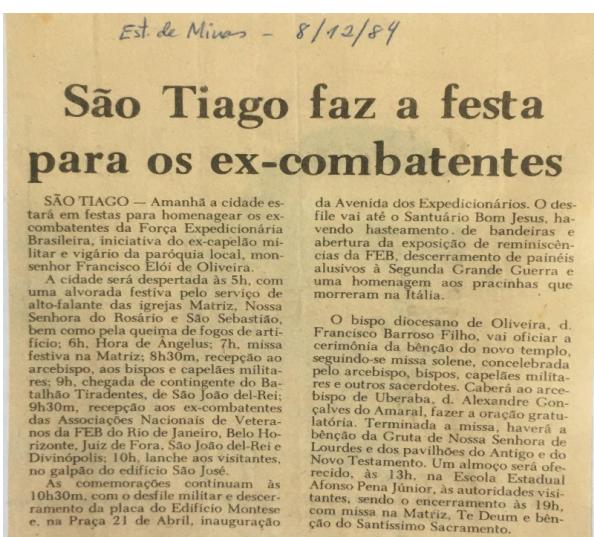
Nas décadas subsequentes ao término da Segunda Guerra Mundial, muitos dos ex-combatentes que haviam retornado ao Brasil, inicialmente celebrados como heróis vitoriosos, começaram a falecer, ano após ano. Esse fenômeno não só contribuiu para um esquecimento social gradual, mas também resultou no desaparecimento físico dos próprios veteranos. Nesse sentido, Francisco Ferraz (2012) observa que, com a diminuição do número de ex-combatentes vivos, sua capacidade de reivindicação se enfraquecia. Embora algumas conquistas de direitos tenham sido obtidas pelos veteranos organizados em associações, Ferraz ressalta que a implementação desses direitos nem sempre foi rigorosa ou universal.

É nesse contexto que se observa uma aproximação crescente entre as associações de ex-combatentes e as instituições militares. Conforme argumentam Rodrigo Musto Flores (2020) e Francisco Ferraz (2012), esse

movimento de aproximação ocorreu à medida que a sociedade civil se distanciava ou esquecia dos veteranos. Entre as décadas de 1970 e 1990, as principais celebrações alusivas à FEB passaram a ser organizadas por essas associações em colaboração com organismos militares. Rodrigo M. Flores (2020) explica que a crescente militarização dos eventos comemorativos se deve, em grande parte, ao suporte institucional das Forças Armadas à memória da FEB.

Neste cenário, serão analisados documentos que evidenciam as atividades de Pe. Francisco Eloi na preservação dessa memória. O acervo do Memorial Santiaguense, vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (MG), contém fotografias, recortes de jornais, convites para festividades locais e trechos de sermões proferidos por ele. A partir dessa análise, busca-se responder à seguinte questão: teria o ex-capelão da FEB, assim como seus companheiros de guerra organizados em associações, atuado como agente de memória? Em caso afirmativo, de que forma sua atuação daria rememorações realizadas pelos ex-combatentes, considerando suas experiências únicas nos campos de batalha do teatro de operações italiano?

Figura 2 - A festa para os ex-combatentes em São Tiago- MG



Fonte: Memorial Santiaguense.

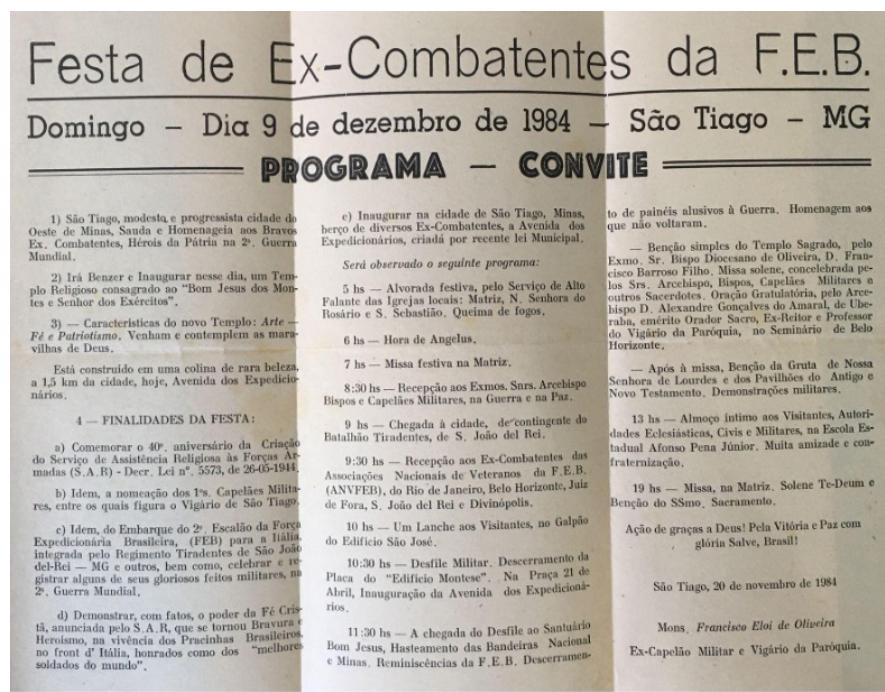
religiosos, como missas, procissões e bênçãos, mesclados com homenagens cívicas e militares, mostrando uma fusão entre a identidade religiosa e a memória

Este recorte de jornal do ano de 1984, que relata uma festividade organizada por Pe. Francisco Eloi de Oliveira em homenagem aos ex-combatentes da FEB, oferece um interessante ponto de reflexão sobre as estratégias de rememoração e o papel da religiosidade na construção da memória pública da FEB por parte de seu ex-capelão na cidade mineira de São Tiago. A descrição dos eventos revela a forte presença de símbolos

expedicionária, elementos centrais no trabalho de memória desenvolvido por Pe. Eloi. O ex-capelão da FEB utilizou sua autoridade religiosa e seu lugar na comunidade para a valorização do esforço expedicionário brasileiro na Segunda Guerra Mundial. No entanto, é crucial problematizar a maneira como essa memória é construída e o que ela enfatiza. A forte presença da religiosidade na celebração organizada por Pe. Eloi levanta questões sobre o papel da fé na atuação do capelão enquanto um agente de memória.

Como mencionado anteriormente, as celebrações da memória da FEB nas décadas de 1980 e 1990 demonstram um processo de militarização da rememoração. Pe. Francisco Eloi desempenhou um papel crucial ao unir ex-combatentes de diversas regiões e envolver a comunidade local e a hierarquia eclesiástica. Ele não apenas celebrava a narrativa expedicionária, mas também integrava elementos religiosos à memória da FEB. Um exemplo claro desse esforço é o programa da festa em São Tiago, que destaca a importância da FEB e ilustra como Pe. Francisco Eloi unia práticas religiosas e elementos militares na celebração dos ex-combatentes.

Figura 3 - Programa da festa dos ex-combatentes de 1984



Fonte: Memorial Santiaguense

O programa da festividade em São Tiago não apenas revisita os feitos militares dos ex-combatentes, mas também destaca a atuação do SAR da FEB e a religiosidade dos soldados. A comemoração tem como foco principal os 40 anos da criação do SAR, seguido pela celebração da nomeação dos capelões que acompanharam os combatentes no teatro de operações italiano. Em terceiro lugar, o evento ressalta o embarque do 2º Escalão da FEB, ao qual pertencia o capelão e as contribuições dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial.

Embora o evento incorpore elementos militarizados típicos dessas celebrações no período em questão, ele difere em vários aspectos das comemorações tradicionais da FEB, como observado por Francisco Ferraz (2012). O autor aponta que, geralmente, o padrão comemorativo enfatizava a participação integrada das três Forças Armadas (Exército, Aeronáutica e Marinha), frequentemente utilizando ícones que simbolizavam essa unidade. No entanto, o convite para a celebração em São Tiago-MG quebra esse padrão trinitário, reforçando, em vez disso, a metáfora da união entre a cruz e o fuzil. Ao destacar a coexistência desses dois elementos durante a campanha italiana, o evento sugere que a participação na guerra transcendeu a experiência militar ou patriótica, conferindo um caráter sagrado à memória da FEB. Esse caráter sagrado é acentuado pela bênção da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, dedicada aos ex-combatentes, ação que insere mais uma camada de religiosidade à intersecção entre memória militar e religiosa. Dessa forma, a festa organizada pelo ex-capelão Pe. Francisco Eloi não apenas reflete seus esforços semelhantes aos das associações de ex-combatentes, mas também apresenta um caráter distintivo. Enquanto as memórias militarizadas da FEB predominavam nas comemorações tradicionais, o ex-capelão contribuiu para a criação de uma memória que funde o espiritual e o militar.

Foi também nesse período que o capelão inaugurou o Santuário Deus e Pátria em São Tiago - MG, um espaço que, segundo o próprio Pe. Francisco Eloi, não se limitava a ser um local de culto religioso, mas se configurava como uma “Escola de Fé, Civismo e Cultura” (Oliveira, 1995, p.4)⁴. O santuário foi concebido para celebrar, simultaneamente, a fé cristã e os valores patrióticos e culturais, que Pe. Francisco Eloi considerava essenciais à identidade nacional.

A estrutura do Santuário Deus e Pátria é notável por sua iconografia única. As paredes externas apresentam pinturas, realizadas pelo próprio ex-capelão da FEB, que retratam a Segunda Guerra Mundial e a trajetória do SAR no Exército Brasileiro. No interior, o espaço é adornado com trechos bíblicos e referências religiosas, criando um ambiente que simboliza a preservação da memória de guerra do capelão e a integração da espiritualidade com o patriotismo.

A inauguração do Santuário em 1984, conforme evidenciado nas fotos anexas, é emblemática tanto pela atuação de Pe. Francisco Eloi como agente de memória quanto pela forte militarização que permeou as comemorações. A escolha do nome "Deus e Pátria" é simbólica, evocando uma fusão entre valores religiosos e patrióticos, característica central da narrativa criada pelo sacerdote. O evento de inauguração foi marcado pela presença de militares fardados, cerimônias cívicas e símbolos nacionais, como a bandeira do Brasil hasteada, o que reflete a inserção de temas patrióticos e militarizados no contexto religioso.

Dessa forma, a experiência de Pe. Francisco Eloi como agente de memória alinha-se, em parte, com a trajetória dos demais ex-combatentes da FEB, que, ao enfrentar o esquecimento social, optaram pela militarização da memória como estratégia de preservação. No entanto, Eloi diferencia-se ao incorporar uma dimensão espiritual, criando uma memória híbrida que entrelaça o sagrado e o militar.

Figura 4 - Comemorações da Inauguração do Santuário Deus e Pátria



Fonte: Memorial Santiaguense

Figura 5 – Inauguração do Santuário Deus e Pátria



Fonte: Memorial Santiaguense

Figura 6 - Detalhes das paredes externas do Santuário Deus e Pátria



Fonte: Memorial Santiaguense

Ademais, outras festividades promovidas por Pe. Francisco Eloi, como a realizada em 1995 para comemorar os 50 anos do término da Segunda Guerra Mundial, reiteram sua dedicação em integrar a memória militar da FEB com elementos religiosos. Nessas comemorações, o ex-capelão continua mesclando

valores patrióticos e religiosos. Uma análise das faixas comemorativas confeccionadas para o evento ilustra bem esse contexto. Algumas faixas homenageavam figuras militares brasileiras e o 11º Regimento de Infantaria, evidenciando o caráter militarizado das celebrações. Simultaneamente, as referências a Frei Orlando e à Nossa Senhora Aparecida ressaltam a religiosidade como pilar fundamental na narrativa da FEB construída pelo ex-capelão em São Tiago.

A respeito da mesma festa, Francisco Pedro de Resende, Presidente da Associação de Veteranos da cidade de São João Del Rei, enviou uma carta ao ex-capelão, cujo conteúdo é uma manifestação de gratidão e reconhecimento da Associação dos Veteranos Regional de São João Del Rei, em relação ao convite para participar das comemorações do cinquentenário do término da 2ª Guerra Mundial. A carta, que integra o acervo do Memorial Santiaguense, destaca a presença de Pe. Francisco Eloi nas festividades cívicas e religiosas, ressaltando o magnífico trabalho realizado por ele no Município de São Tiago. O texto elogia a dedicação integral do sacerdote à comunidade e enfatiza que seus feitos não se limitam apenas ao Município, mas também à FEB, tornando-o um integrante notável. Sua atuação durante a guerra é destacada, mencionando a assistência religiosa nos campos de batalha, proporcionando conforto e palavras de esperança aos soldados mesmo em situações difíceis. A carta enfatiza a importância dos Capelões Militares e sua atuação heroica, exemplar e inconfundível, destacando o Frei Orlando como um exemplo de dedicação e sacrifício pela transmissão da fé e busca pela paz. Por fim, o autor expressa seu sincero agradecimento e reconhece que suas palavras possivelmente não são suficientes para expressar o tamanho da gratidão que sentem em relação ao ex-capelão e sua trajetória. Mesmo assim, ele assegura que essa gratidão será eterna no âmago de suas mentes.

Para o mesmo evento, em 1995, o ex-capelão listou, sob o título de “A FEB em São Tiago”, um sermão que abrangia os seguintes pontos:

Digna de registro e de louvor nesta data, é a existência de feitos e fatos, da FEB em Tiago, na cidade e município:

- 1- Rua dos Ex-Combatentes ou Expedicionários.
- 2- Uma Placa-Homenagem a Montese e ao 11 R.I. na esquina das ruas Pe. José Duque de Siqueira e Francisco das Chagas.
- 3- Rua Capelão Frei Orlando, no bairro da ONU.
- 4- Capela do S. A.R. e sua história, na Igreja do Senhor Bom Jesus, dos Militares e dos Montes, e, Santuário "Deus e Pátria".
- 5- Retrato da Equipe dos Ex- Combatentes Santiaguenses.
- 6- A Gruta de Lourdes.
- 7- E, para homenagear, o maior feito militar da Segunda Guerra Mundial, a Criação do Bairro da ONU- Organização das Nações Unidas, tendo como Ruas Integrantes, os nomes das Nações da Comissão Central que a dirigem, em tempo de paz. É esse bairro, talvez o único no gênero no Brasil, que, em cidades brasileiras, que perpetua o nome, universalmente conhecido e respeitado! A Organização das Nações Unidas. E, nesse Bairro encontramos Santuário Deus e Pátria, Escola de Fé, Civismo e Cultura onde realizamos, além do Culto Religioso, uma Academia. de Cultura e Saber, fundamentada nas Leis Divinas e Humanas, pelas quais Deus nos fala de si e dos homens (Oliveira, 1995, p. 4)⁵

Este sermão oferece uma visão detalhada das ações de Pe. Francisco Elio enquanto combatente no campo da memória, revelando como as recordações da FEB e da experiência de guerra foram integradas na cidade de São Tiago. Os exemplos citados ilustram a meticulosa tentativa de Pe. Francisco Elio em inserir a FEB no imaginário social local. O Santuário Deus e Pátria, bem como as festividades e a nomenclatura de ruas e edifícios, visam tornar a participação brasileira na guerra um componente significativo da vida comunitária de São Tiago. Mais do que meros monumentos ou homenagens formais, cada elemento descrito no discurso reflete a intenção do ex-capelão de construir uma narrativa em que a contribuição dos brasileiros na guerra se entrelaça com os valores cívicos e espirituais da comunidade.

Além disso, é crucial reconhecer o legado de Monsenhor Elio em sua cidade natal. Desde o interior de Minas Gerais até os campos de batalha da Segunda Guerra Mundial, ele exerceu sua função sacerdotal com dedicação. O medo inicial diante do chamado para atuar como capelão foi superado pelo orgulho de ter aceitado o desafio. Como agente de memória da participação brasileira

na guerra, Monsenhor Eloi desempenhou um papel vital em preservar essa lembrança. Ele faleceu em 5 de agosto de 2003, cercado por familiares e colegas sacerdotes, deixando um legado de obras sociais e um profundo impacto na memória coletiva da sua cidade.

Considerações finais

O presente estudo sobre a trajetória do Padre Francisco Eloi de Oliveira como ex-capelão FEB e seu papel como "agente de memória" no pós-guerra em São Tiago, Minas Gerais, revela detalhes significativos acerca da construção e preservação da memória coletiva relacionada à participação brasileira na Segunda Guerra Mundial nessa localidade. A memória exerce um impacto profundo, deixando marcas e sensações indeléveis. No contexto de um dos maiores traumas coletivos do século XX, a preservação dessa memória tornou-se uma tentativa de atribuir novos significados às experiências vividas, visando cumprir uma função social específica. As iniciativas empreendidas demonstram como o ex-capelão Monsenhor Francisco Elio de Oliveira, assim como os ex-combatentes da FEB, direcionou seus esforços após a guerra para celebrar e evocar a participação brasileira no conflito.

Este estudo destacou, em particular, a importância dos símbolos religiosos presentes em São Tiago na transmissão da memória relacionada à atuação da FEB, por parte de Pe. Francisco Eloi. Esses símbolos, intrinsecamente ligados à atuação SAR no teatro de operações italiano, desempenharam um papel fundamental na preservação dessa memória na comunidade local. A integração entre religiosidade e memória militar emergiu como uma estratégia eficaz para a manutenção e valorização da memória relacionada à campanha da FEB na Itália

Enquanto as narrativas dos ex-combatentes são comumente associadas a aspectos de militarização e exaltação dos feitos bélicos, o caso de São Tiago apresenta características singulares. Tendo como agente de memória um ex-capelão cujas vivências, embora compartilhadas no mesmo *front* que os soldados, possuíam particularidades distintivas, as celebrações e rememorações

na comunidade foram constantemente permeadas pela dimensão religiosa proporcionada pelo SAR. Enquanto o apelo aos valores cívicos e à militarização constituía a forma pela qual os ex-combatentes exteriorizavam suas memórias em um contexto social mais amplo, o ex-capelão buscava continuamente relacionar a FEB ao seu serviço religioso, criando uma narrativa que entrelaça o sagrado e o patriótico. É essencial considerar que essas expressões estão indubitavelmente relacionadas à própria experiência de Francisco Elio durante a guerra—uma experiência radicalmente distinta das manifestações religiosas que testemunhara no Brasil antes de seu chamado ao serviço militar. O destaque dado ao SAR por seu ex-capelão pode ser interpretado como uma reafirmação da importância desse serviço em sua comunidade, contribuindo para a formação de uma identidade social que combina elementos do sagrado e do militar. Assim, Francisco Elio de Oliveira atua como um agente de memória com características singulares em relação aos seus companheiros ex-combatentes. Se a luta dos ex-combatentes da FEB, persistiu no pós-guerra pela preservação de sua memória —relacionada às suas experiências como soldados no *front*—, a persistente luta de Francisco Elio esteve igualmente vinculada às suas experiências no Teatro de Operações Italiano, representando um constante contraste entre religião e guerra, entre o sagrado e o profano.

Em suma, a atuação de Monsenhor Francisco Elio de Oliveira evidencia a complexidade da construção da memória coletiva no pós-guerra, especialmente quando se considera a interseção entre os aspectos religiosos e militares. Sua singularidade como ex-capelão e agente de memória enriquece a compreensão sobre as diferentes formas de vivenciar e rememorar a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, contribuindo para uma narrativa que integra o espiritual ao histórico, o individual ao coletivo.

Referências

BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DORSETT, Lyle W. *Serving god and country: United States military chaplains in*

World War II. Londres: Penguin, 2012.

FERRAZ, Francisco Cézar Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)*. Londrina: Eduel, 2012.

FERRAZ, Francisco Cézar Alves. Por uma História Social dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial. *Esboços: histórias em contextos globais*, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 6-12, 2015.

FLORES, Rodrigo Musto. Força expedicionária brasileira: da militarização da memória aos usos políticos do passado. *Temáticas*, Campinas, v. 28, n. 56, p. 167-184, 2020. DOI 10.20396/tematicas.v28i56.13168.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LIMA, Rogério de Carvalho. *Capelães da FEB: a participação histórica da capelania militar do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 63-201, 1998.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

NASS, Sirlei de Fátima. *Legião Paranaense do Expedicionário: indagações sobre a reintegração social dos Febianos Paranaenses (1943-1951)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 10, p. 7- 28, 1993.

OLIVEIRA, Francisco Eloi. *Relatório anual apresentado ao 10º Regimento de Infantaria, referente ao ano de 1946*. São Tiago: Acervo do Memorial Santiaguense, 1946.

OLIVEIRA, Francisco Eloi. *Sermão proferido pelo Padre Francisco Eloi de Oliveira em 24 de julho de 1995*. São Tiago: Acervo do Memorial Santiaguense, 1995.

PALHARES, Gentil. *De São João del-Rei ao Vale do Pó*. Rio de Janeiro: Biblioteca

do Exército, 1957.

PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: o capelão que não voltou*. Editoras Associadas do Brasil, 1969.

PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções do Brasil (1944-1967)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

RIBEIRO, Patrícia da Silva. *Em luto e luta: construindo a memória da FEB*. 2013. Tese (Doutorado) – Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2013.

SANTIAGO, Marcus Antônio. *Monsenhor Eloi: uma história de fé e de obras*. São Tiago: Editora Fapi, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1995.

Notas

¹Doutoranda em História pela UFJF.

²Do original: “Not because he has attended a theological seminary and studied Hebrew, Greek, and theology. But primarily because he is obeying a ‘tap on the shoulder’. [...] God brought Moses from minding the sheep, He took Amos from the herds of Tekoa, He beckoned Peter, James, and John from the fishing boats and their nets. The true minister is in his pulpit not because he has chosen that profession as an easy means of livelihood, but because he could not help it, because he has obeyed an imperious summons that will not be denied” (Marshall *apud* Dorsett, 2012, p. 7).

³Relatório anual apresentado pelo Capelão Francisco Eloi de Oliveira ao 10º Regimento de Infantaria, referente ao ano de 1946. Acervo do Memorial Santiaguense, São Tiago, MG.

⁴Trecho do sermão proferido pelo Padre Francisco Eloi de Oliveira em 24 de julho de 1995. Acervo do Memorial Santiaguense, São Tiago, MG.

⁵Trecho do sermão proferido pelo Padre Francisco Eloi de Oliveira em 24 de julho de 1995. Acervo do Memorial Santiaguense, São Tiago, MG.

